

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE A TRES POR MEE

REDACTORES DIVERSOS

Anno II

Cuyabá, 27 de Fevereiro de 1896

N. 87

A VERDADE

Cuyabá, 27 de Fevereiro de 1896

Origem desconhecida

do Presidente da Republica
Françesa

Valor dos nomes para os
destinos da França

Da importante revista franceza, *La Lumière* da qual é provecida redactora e directora Lucie Grange, começamos hoje a traduzir, com a devida voria, o seguinte artigo que sob a epigrapha acima vam alli publicad. O que nos parece interessara aos nossos leitores:

«Os senhores *interlocutores* não vieram pedir nossa opinião sobre o novo Presidente da Republica.

Eles fizeram bem, pois que nunca repetem nada da verdade que lhes é dita: no contrario, elles divagam, com ideas preconcebidas, em incoherentes mentiras.

De resto, fica-se logo enfasiado de tudo em França. Talvez que os seus senhores julgassem que eu vicia ligeiramente contar, como fiz para M. Faure, do que meado morria M. Faure? O objecto da morte poderosos do mundo é ja vicio. Ve guar mais saber disto.

«Atrosos sempre, angustias matricas bons filhos quasi meus, a grande impregnação da formação da republica.

«A republica não conhece outra nobreza senão a dos verdadeiros moitas, da lealdada, da honra, — ella, — no menos, o diz.

Nós temos o dever de acreditar o

de Sadi-Carnot e do imperador Alexandre III.

Acreditais isto, meus amigos? Que erro é o vosso!

Mas eu tenho minha palavra a dizer a respeito daquello que acaba de ser collocado, pela força das circumstencias á testa do governo francez.

O que tenho a dizer é bastante singular, e bastante curioso, extremamente fantastico em apparencia! Talvez hoje devamos exclamar *Viva Henrique IV!*

M. Félix Faure, feito presidente da Republica Franceza, não seria outro senão o rei Henrique IV reincarnado.

Tem-se cansado, depois da eleição do Presidente, em esmerillar os archivos para encontrar-lhe antepassados que tambem feito outra coisa alem de no tronas e cadeiras.

Tem-se posto em contribuição todos os Faure de França e Navarra para estabelecer uma genealogia distincta.

Para que? E' tão vão quanto inutil.

Para que serve uma genealogia de homens illustres em nosso tempo em que tudo se democratiza e em que as fortunas, como a celebridade, são espontaneas? Demais, é necessario sempre que haja um que comace a sahir do ordinario, para que uma familia seja ennobrecida.

Si M. Félix Faure torna seu nome celebre, tanto melhor para seus descendentes e tanto melhor para os filhos da França; mas nós estamos em Republica!

A republica não conhece outra nobreza senão a dos verdadeiros moitas, da lealdada, da honra, — ella, — no menos, o diz.

Nós temos o dever de acreditar o

e de querel-o; os nossos governos tem a realizar nossas esperanças.

La Lumière não faz politica; ella faz moral, instruo sobre nossas origens e nossos fins, consola os afflictos e pretende, ao menos aspira, á ser comprehendida pelas pessoas de coraçao, que são sempre gente de fé.

Os nossos leitores são todos immortalistas. Filhos de nossos antepassados, os gaullezes, um sopro druidico inflamma nossas almas e faz-lha sentir as elegrias das vidas successivas atravez do tempo e da eternidade.

Eu digo as alegrias, porque a successão das vidas suprime o horror do fogo eterno e deixa logar á toda reparação das feitas e á reabilitação das almas decantadas por actos infames.

Nós somos partidarios da reparação para todo prejuizo; esta maxima popular é essa: Quem paga suas dividas enriquece.»

Nossos pais morriam muitas vezes como nossos irmãos actuaes, insolvaveis.

Melhores que a maior parte dos homens de nosso seculo, elles dezojavam ficar quites, e faziao a promessa no leito de morto.

Eles diziam entre si: «Até outra vida!» com plena convicção de que renasciam e progrediam no bem.

Bondade do coração e bondade espiritual, justiça, lealdade, riqueza d'alma; é o apañaggio de todos com o tempo. O que se chama reincarnação entre os espiritas, nós espirituistas de uma ordem independente e mas generalizada, nós queriamos denominar-lo reencarnação. E porque não? Com esta palavra, os ignorantes nos comprehenderiam.

Ha a revicencia dos vivos terres : é isto indiscutivel. Os factos que estabelecem esta verdade, são numerosos. A logica mais refractaria ás ideias espiritalistas, não lhe podem absolutamente oppôr argumentos contrarios verdadeiramente serios.

As faculdades innatas são provas manifestas de que já se conhecem cousas que se estudam ; por isso aprende-se, neste caso, quasi sem lar. Se recorda.

Limitemos aqui nossas demonstrações; é uma historia que se nos pede, a historia á que damos por titulo—ORIGEM DESCONHECIDA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA.

D' A Luz

(Continua)

Olhe por elle, dante perdente

Por Amalia D. Sóler

(Traducção)

Continuação.

Chegamos enfim a um becco sujo e hediondo, entramos em uma casa onde se respirava um ambiente mephitico.

No fim de um pateo comprido e estreito, entramos em um compartimento, onde algumas mulheres rodeavam uma miseravel cama, se tal nome merecia uma velha enxerxa estendida no chão humido e frio. Uma mulher occupava aquella pobre leito, e ao vel-a, não pude conter um grito:

Clemencia moribunda estava ante meus olhos.

A enferma movera-se ligeiramente como querendo dar um gemido.

O sacerdote inclinou-se como para reconhecê-la e disse com accento pensativo: si eu tivesse sabido que me chamavas para assistir a Clemencia, não teria vindo, porque vestida e calçada poderia ir-se para a gloria que bem desejada é por esta pobre martyr.

Ajoelhou-se, orou breves momentos, abraçou a enferma e sahiu dizendo: deixai-a dormir, amanhã voltarei a vel-a. Minha mulher deu algum dinheiro a uma daquellas mu-

lheres e sahiu tristemente preocupada dizendo-me, quando dia seguinte voltaria acompanhada de seu marido.

Nada lhe repliquei, mas logo que chegamos em casa sahi novamente e fui ter com um celebre medico, amigo meu, e o levei a ver Clemencia, que continuava immersa em um profundo lethargo.

Meu amigo observou-a com tristeza e me disse—esta noite deixará ella de existir.

Sam despertar deste somno? lhe perguntei eu.

Oh, se queras que ella despertasse, respondeu-me elle, tirando do bolso um frasco que continha um elixir do qual derramou em seus labios algumas gottas; mandou sahir as duas velhas que velavam pela moribunda.

Abriu Clemencia os olhos, e então meu amigo fez-lhe beber o resto daquella cordial. Momentos depois umas lagrimas rolavam pelo seu rosto pallido e reclinando sua cabeça em meu hombro me disse com voz quasi imperceptive!; enfim, avieste; quanto tempo estiveste separado!

Porque tardaste tanto?

Eu não sabia o que responder-lhe: a dor e o arrependimento mais horrivel fizeram-me um nó na garganta; só pude murmurar; «perdoe-me, fui um miseravel!»

—Fiz muito tempo que te perdoei, para que Deus e meus Pais me perdoem tambem.

—E que foi feito de ti, minha Clemencia? como tens vivido?

—Breve é minha historia: «Quando fizeram tres mezes que havias partido, veio um anjo fazer-me companhia; tres annos vivu comigo, e logo estendeu suas azas e foi-se para o ceul. Pobre filha minha! Morreu muito a tempo.

—Porque?

—Porque eu, de tanto chorar, fiquei cega; minha aia veio buscar-me em Cadix e trouxe-me á Madrid onde a sciencia ponde mais que minha dor e tornei a ver a luz do dia.

Haviamos esgotado todes os nos-

sos recursos: empregamos-nos em bozer para poder viver; minha aia, porém, morreu em meus braços.

Este triste successo, me fez pedir esmolas para levar um pão aos meus labios: por fim, cahi enferma e estive no hospital muitos mezes... depois me expelliram dali porque a minha molestia tornou-se chronica, e ultimamente encontrei uma boa alma que me deixou viver aqui, e fiquei contente de viver na solidade para que nada me distraisse e pudesse constantemente pensar em ti. E tu, diz-me? que tens feito?

La lhe responder sem saber o que dizer, quando meu amigo poz um dedo nos labios e me indicou com seu olhar que eu observasse Clemencia. Ella havia fechado os olhos e de sua pequena bocca cahiram algumas gottas de sangue que recolhi em meu lenço.

De novo abriu os olhos dizendo com voz quasi extincta: «Graças, meu Deus! Finalmente pude vel-o; morro feliz... e cahio sobre o travesseiro para não levantar-se mais.

Meu amigo quiz retirar-me dequelle funebre lugar, mas todos os esforços foram inuteis; permaneci pregado ante aquelle cadaver, sentindo um remorso sem limites, e um amor immenso, louco... Desesperado, louco, sem fãsem crencas, sem consolo algum, acompanhei até o cemiterio a sombra de minha vida, e depois fubril, offegante, sem consciencia do que fazia, fugindo de mim mesmo corri... corri ao acaso e precipitei-me no canal, terminando violentamente minha abominavel existencia.

VII

Quão enganado está o homem julgando que com o suicidio acaba seu tormento!

Todo o tempo que restava ao meu na terra para cumprir sua piacao, permaneca na erratici sentindo a violenta agonia; eu por mim sei que me contemplava torva e nella dava que em terra e corrança,

a inexplicavel impressão e angustia indefinivel que experimentára ao morrer.

Não sei quanto tempo estive assim, porque no espaço não se conhece o limite dos annos; mas quando se completou o prazo da minha vida, appareceu o espirito da Clemencia, que me disse:

«—Desgraçado! tua obsecção nos separou na terra e por muito tempo nos esperará na erraticidade. Encarna-te de novo, escolhe a provação e si a soffres com resignação, recuperarás alguma coisa do que perdeste.»

Desappareceu a fugiente visão, e eu pedi a Deus uma existencia de martyrio e humilhação, já que tão orgulhoso e tão infama havia sido em minha vida anterior.

VIII

Voltet á terra e escolhi uma familia rica: filha unica que eu era, meus pais me adoravam.

Perdi os ainda creança ficando em poder de tutores que quasi absorveram minha fortuna, gastando eu o resto na minha maioridade com a librdade a mais desenfreada.

Qual outra impudica Messalina, lancei-me na vida do vicio, e como nessa senda, dado o primeiro passo, vai-se descendo até afundar-se no abyssmo, eu deixei de ser mulher para converter-me em coisa, até que chegou um dia que esgotada minha belleza, pobre e isolada, olhei em torno de mim e chorei amargamente, porque todos fugiam de mim como se tivesse lepra.

Tinham razão; eu tinha lepra n' alma. arde conheci meus erros.

Tão escandalosa havia sido minha tão publica minha humilhação não encontrei lugar onde nem casa onde servir; a sociedade repellio, a fome fazia sentir convulsões, e meu

devorado pela

ospitaes,

e vis-

um-

paró, porque soffri com resignação meus acerbos tormentos.

Quando deixei esse mundo veio ella ao meu encontro, e me disse que eu havia feito minha jornada a paesos dobrados e que em minha proxima encarnação voltaria á terra em melhores condições, porque soubera soffrer e reconhecer minha culpa.

Adeus, Amalia, parece-me mentira que eu tenha deixado meu andrajoso envoltorio; a luz me cerca e sinto em mim renascer alguma coisa de grande, que jamais senti nesses sombrios e tenebrosos planctos. Conservo gratidão para contigo, pela compaixão que te inspirei; tu és a unica recordação grata que tenho desse mundo.

Adeus, continua resignada com o peso de tua cruz até chegar ao Caryario, e encontrarás depois da morte o que nunca poderás imaginar nem entrever nesse desterro: *Luz Vida e Verdade*. Adeus!

IX

Este resumo de duas existencias foi obtido em diversas Sessões. Eu, deixando-lhe toda a verdade historica, tratei unicamente de abrevial-o o mais possivel para evitar que se tornasse demasiado extenso, como artigo para um jornal.

Esta narração mostra que não se derrama uma lagrima que não tenha sua razão de ser, que ninguém soffre sem havel-o merecido, e finalmente que tudo é como deve ser.

Amalia D. Soler.

Successata Historia dos Papas

(Tradução)

(Continuação)

SECULO III

São Zofarino—Este covarde bispo abandonou aos fiéis, escapando de Roma quando Severo ordenou a perseguição dos christãos, voltando a dita cidade quando cessou a mesma perseguição.

Foi elle quem preperou o terreno para a dominação papal, que seus successores continuaram sempre em maior progresso.

Segundo o cardeal Lorena «O primeiro seculo da igreja foi de ouro, por'm a medida que iam desapparecendo da igreja os verdadeiros apóstolos, a corrupção foi se augmentando, e o despotismo do clero cahio sobre os povos.»

São Calixto I—Baronio afirma que Calixto inventou os vasos de prata para a igreja, contrariando a Christo, que não queria ouro nem prata nos templos. Morreu em 226.

São Urbano I—Diz-se que elle foi quem organisou a tabella, pela qual os padres deveriam receber do povo a offerta de seu trabalho. Morreu em 233.

São Ponciano—Foi desterrado por Severo, segundo asseguram, não por causa de religião, mas sim por querer revolucionar o imperio. Morreo em 235.

São Antero—Em seu tempo Julio o Africano publicou sua *Historia Universal*, na qual afirma que a maior parte do que contem na Biblia é apocripa, citando a historia de Susana, a de Bel e a de Dragão, que, segundo elle, não figuram nas edições judias anteriores a destruição de Jerusalem e a ruina de Juddá. Morreo em 3 de Janeiro de 236.

São Fabiano—Sabe-se por tradição que Fabiano introduzio a renovação do oleo da Santa Chrisma na 5ª feira Santa, queimando na igreja o do anno anterior. Morreo em 20 de Janeiro de 250.

Ficou vaga a cadeira romana durante algum tempo, porque muitos bispos se occultavam ou fugiam vergonhosamente para illudir a perseguição. O bispo de Carthago, Cypriano, teve a ousadia de dizer que abandonava sua cadeira por *mandado de Deus*.

São Cornelio I—Varios cléticos lhe facuseram de estar em relação com os bispos que faziam sacrificios aos idolos e de haver abjurado secretamente por occasião das perseguições. Morreo em 253.

São Lucio—Nesta época escreveu São Cypriano um tratado de moral em vista da escandalosa conducta do clero.

São Estevão I.—Fallando de Estevão, escreve São Cypriano ao bispo de Cesarea: «E' orgulhoso, tenaz, arrogante, inimigo dos christãos, defensor da causa dos hereges contra a igreja de Deos e da tradição mundana sobre a inspiração divina.» Se disse que elle morreu no carcere em 257.

São Sixto II.—Cedendo as opiniões dos bispos d'África, concluiu a questão do baptismo. Morreo atormentado em 6 de Agosto de 258.

Durante um anno ácou vaga a cadeira romana. O prefeito Cornelio ordenou a São Lourenço que entregasse os vasos de ouro e prata, os candelabros e demais thesouros que a igreja possuia dizendo-lhe: «Mostrai esses thesouros occultos, o principe os necessita, e deveis, segundo vossa doutrina, dar a Cesar e que é de Cesar. Eu supponho que vosso Deos não cunhou moeda, não trouxe dinheiro quando veio ao mundo: não teve mais que palavras, dai, pois, vosso dinheiro e ficai com as palavras.»

São Dionysio—Paulo de Samosata, bispo de Alexandria, ensinava no seu tempo as maximas do Evangelho, chamando a Christo, homem, e não Deos, e sem dizer nada dos dogmas e clesiasticos.

Morreo em 269.

São Feliz.—Achou a igreja perturbada com as doutrinas de Samosata. Morreo 24 de Dezembro de 274.

São Boticiano. — Para atalhar a heresia de Manes, que prohibia comer fruta, ordenou aos sacerdotes que consagassem as uvas e mansãs. Morreo 8 de Dezembro de 282.

São Cayo — Quando Diocleciano começou sua terrivel perseguição contra os christãos, appealou para a fuga deixando abandonados aos martyrios a legião Tebana. Morreo em Abril de 296.

(Continúa)

Os mortos

Não digais que são mortos os que em calma
Destroam doces paz na campa fria;

Mortos são os que morta tem a alma
E vivem todavia.

Com a denominação de *mortos* designou a generalidade dos homens os seres que deixaram de viver em meio de nós outros, ou melhor os que se subtrahiram aos nossos olhares e se puzeram fora da acção dos nossos sentidos physicos. Mas como estamos longe da verdade ao chamarmos *mortos* aos que não fizeram outra coisa sinão mudar de forma e que continuam actuando sobre o plano da vida terrestre, nem mais nem menos, como nós mesmos!

A linguagem humana, sempre insufficiente para exprimir com propriedade as ideias, não é mais que *sons convencionaes*, inteiramente semelhante nisto á linguagem dos animaes irracionaes, segundo o comprovou a sciencia com numerosas experiencias modernas.

Chamamos *nada* ao que supponmos *vacuo*, e o nada e o vacuo não existem: são simplesmente ideias abstractas, como o são tambem um sem numero de palavras, taes como *virtude, vicio, amor, amizade, patriotismo, etc.*

A morte não existe, porque ella é inercia, a negação; e no mundo cosmico tudo é *vida, realidade*.

Tracemos uma unidade—1—e juntamos á sua direita e a sua esquerda tantos zeros quantos pudermos contar. Lendo este numero para a direita, achal-o-emos tantas vezes maior, quanto menor o acharemos ao considerar o lugar que occupa a unidade considerada á esquerda. A direita faz-se cada vez maior: a esquerda será cada vez menor. Mas sempre existirá um numero derivado da unidade, augmentada ou diminuida em seu valor; mas numero, enfim. O numero não se destroe nunca.

A agua não perderá a sua qualidade peculiar de agua, já considerarmol-a liquida, solida (gelo), gazosa (sapo), já esteja fria ou quente, incolor ou tinta com alguma cor. As suas propriedades physicas, chimicas, therapeuticas, etc., serão as que mudam, mas não a sua essencia.

Que a parte material do homem não se destroe por causa do phenomeno a que chamamos morte, não julgamos necessario demonstrar: é uma verdade axiomática, accolta pela sciencia.

Trataremos sómente do que no espirito se refere, para demonstrar que elle não perece tam pouco.

A escola materialista nega a existencia da alma, e afirma que o que produz a vida é a acção do conjun-

cto dos elementos que constituem o corpo do homem.

Pois bem: sirvamo-nos de um exemplo muito material para provar que esta acção, a que a escola espiritalista chama *alma*, não se destroe. Supponhamos um vasilha de barro cheia de agua. Si a vasilha se quebra em mil fragmentos, a agua cai na terra; nem a vasilha nem a agua se perdem ou parecem, pois a materia da vasilha se transforma em atomos e a agua passa da terra á atmosphera.

A acção dos elementos do corpo humano (a *alma*), quando já não actua em conjuncto, expande-se para actuar no mundo cosmico e vem a ser o que os orientalistas chamam o *astral*, que é um atomo, digamol-o assim, ou melhor a essencia do ether, da luz, do calor, da electricidade (que tudo é a mesma causa), que por todas as partes nos circunda, que tudo penetra, que está em contacto porenne comnosco.

A morte, pois, é vida, porque a transformação não cessa: é movimento perpetuo, e força, é actividade.

«Deixai que os mortos entorem os seus mortos», disse um dia o simples philosopho hazarita, e o seu dito não foi então comprehendido, nem o tem sido até agora. Sem embargo, nada mais claro. Elle quiz dizer: «Vós que estais crendo na morte, vos os vivos *mortos*, preoccupai-vos com esta ideia muito em consonancia com a pequenez do vosso criterio; chorai e entalai-vos e fazei todas as demonstrações de dôr que quizerdes. Vós não alcançais comprehendêr a immortalidade da materia nem a immortalidade da alma.»

Afastamos de nós as ideias absurdas, que são a demora do nosso progresso intellectual.

Nada parece: tudo é eterno.

A morte, para falar philosophicamente, não existe.

Esse phantasma pavoroso que só amedronta as imaginações fracas, ou os homens de falso criterio, esse phantasma tetrico que as realidades procuram fazer appellido de terror e espanto, é r tantas acções da natureza.

Morrer, comer, saltar, cantar, tudo é o mesmo.

Não nos preocupemos com os *mortos* sinão por seus actos e para seguir o seu